

Cláudia

OPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA

Coló - Qui é que ocê tem, ^{minha} fia? ^{Dêis} de ontontê que ocê anda tão surrun
baca? (Pausa) Pruquê ocê num diz pra ^{paem} nêga, véia? Num tem confiança na
nêga?

Lenira - Tenho, sim, Coló, tenho toda a confiança em você. E tanto assim que vou lhe incumbir de uma missão muito delicada.

Coló - Qui é, ^{minha} fia? Fala, ^{fala!}

Lenira - Coló, eu parto amanhã para Santos, onde você irá me encontrar na próxima semana.

Coló - Fia!... ^{Santa} Trize!

Lenira - Nesses dias em que você ainda fica por aqui, tratará de vender os nossos móveis, desalugará o apartamento e fará entrega de uma carta e de um pacote que eu vou deixar para o Walter.

Coló - Has pruquê, ^{minha} fia?! Que foi que deu na cabeça de ocê de querê ^{paem} sair
assim de uma hora pra outra, gentes?!

Lenira - Há motivos de sobra e que eu mais tarde explicarei para você, Coló. Por ora eu não dejejo falar.

Coló - Vai vê que ocê brigô com o seu Warte?

Lenira - Não, Coló, não briguei, mas sou forçada a deixá-lo... e para sempre.

Coló - Deus do Céu!... ^{Não} Santa!

Lenira - Ele de nada sabe, ainda e talvez sofra muito com esta minha resolução, mas não encontro outra alternativa para o nosso caso senão a fuga para muito longe... onde ele nunca mais possa encontrar-me.

Coló - Coitado do seu Warte, ^{minha} fia! Ocê tem corage ^{de fugê} uma coisa desta
prê ele? Um rapais tão bão!

Lenira - Mais tarde, quando eu puder contar o que se passou... tú has de ver que eu tenho razão em proceder assim.

Coló - Tá bem, ^{minha} fia, tá bem. (Pausa e tom) Antão ^{qué} diás ^{que} ocê vai
embora eminhã? É vai pra Santo?

Lenira - Sim, mas tú não dirás a ninguém para onde eu fui. Ainda que te perguntem com insistência, tú nada sabes. Compreendeste bem?

Coló - Cumprindi, ^{minha} fia, cumprindi.

Lenira - Pois então agora já sabes o que tens a fazer. Hoje me ajudarás a arrumar a minha roupa e de amanhã em diante tratarás de arranjar um comprador qualquer para os nossos móveis. Podes vendê-los por qualquer preço. À noite Walter virá, como de costume e tú lhe entregarás o pacote e esta carta. Desalugarás, logo depois, o apartamento, tomarás um vapor ou um trem - como preferires - e irás ao meu encontro. (TM) Entendeste bem como tudo deve ser feito?

Coló - Intindi, ^{minha} fia, intindi. Pode ficá ^{adescarrada}. Eu só nêga... só
véia... ^{mas} burra num sô.

CONTROLE - PASSAGEM MUSICAL

Walter - Lenira saiu? Onde é que ela foi?

- Coló - Num sei, seu Warte. | num sei adonde que ela foi...
- Walter - É estranho... Ela não me avisou nada que ... (transição brusca) Ué, que é isto? Estão de mudança? Vejo tudo fora dos lugares...
- Coló - Num sei, seu Warte, | num sei de nada. | Só sei | que arrecelei onde dá vendê os traste tudo.
- Walter - Mas o que está se passando aqui afinal, Coló?! É preciso que você me explique. Não compreende?
- Coló - Seu Warte, | eu... | eu tava com pena de diá pro sinhô... | A dona Lenira foi embora. &

CONTROLE - ACORDE TRÁGICO, SEM CORTAR.

- Walter - (choque) Hein?!... Que foi que tú disseste?!... Lenira... foi embora?!
- Coló - Foi, sim sinhô.
- Walter - Mas embora para onde? E por que, afinal?
- Coló - Num sei, seu Warte. | Só dexô esse pacote e essa carta | pra eu entregá pra você. | Tá aqui.
- Walter - (passo) Mas eu nem posso acreditar, Coló! Tudo isto me parece um sonho.
- Coló - Num é, não, meu fio. | Eu bem que quiria que não, também.
- Walter - (pausa) Como... tú sabes de alguma coisa e não queres me dizer.
- Coló - Num sei, não, meu fio. | Juro | por essa lua que me alumia.
- Walter - (pausa) Bem... paciência. Que Deus me dê coragem para enfrentar a surpresa que êste pacote e esta carta me reservam.

OPERADOR - PASSAGEM MUSICAL.

- Walter - Uma carta... e um diário! (Lendo) Diário de Clarice. (TOM) É estranho. Bem... vejamos o que diz esta carta.

CONTRA REGRA - RUIDO DE RASCAR ENVELOPE E ABRIR PAPEL DE CARTA.

- Walter - (Lendo) Querido Walter: as resoluções extremas (afastando) ou são produto de...
- Lenira - (fundido) ou são produtos de um impulso de momento, ou resultado de intermináveis noites de agonia interior e de insônia torturante. De uma ou de outra forma, o coração sofre, depois, pelo arrependimento e pela certeza de ter, conscientemente, apunhalado de morte um sonho que ôle próprio alimentou, dando-lhe forma e consistência. E sofre muito mais, ainda, quando tem a certeza de que no seu desespero ele arrasta junto um outro coração para o qual desejare apenas e simplesmente a felicidade. Pois bem, no último dos dois exemplos que acabei de citar, tú e contrarás, precisamente, o que se passa comigo. Com a minha fuga e com esta carta, apunhalo de maneira mortal e definitiva o sonho lindo do nosso amor! Mas por que - perguntaras? - e a resposta tú a terás nesse diário de Clarice que encontrei numa das gavetas da secretária da pobre morta, quasi um ano depois do seu desaparecimento e poucos dias antes da realização do nosso enlace. Esse diário passará a ser, doravante, um espinho do passado cravado profundamente no meu coração e de onde jamais o poderei arrancar. Aí está porque fujo de ti, do teu amor e do meu sonho, acreditando que só a distância será capaz de apagar do meu coração a tua lembrança. (afastando) Procura compreender o meu desespero,, porque só a

Walter - (fundido) porque só a compreensão será capaz de te emprestar a força necessária para que perdões a tua Lenira. (Pausa e Tom) Que horror, meu Deus, que horror!... Que será da minha vida agora?! E o que guardará de tão terrível o diário de Clarice, a ponto de arrastar Lenira a uma resolução desta natureza?! (Pausa e tom) Vejamos.

CONTRA REGRA - RUIDO DE DESEMBOLAR PACOTE PEQUENO.

Walter - (depois de pausa, lendo) Meu diário. Nestas folhas brancas como a roupa dos cisnes, deixarei gravados, com sinceridade, alguns retalhos da minha pobre alma.

Clarice - (como que escrevendo) Serão retalhos cinzentos e tristonhos como os dias nublados de outono, dias sem sol nem claridade, como foram os que se sucederam aos da morte da minha querida mãe.

Walter - (lendo) Dia 14 de Junho de 1943.

Clarice - Acabo de chegar do cemitério, após a missa de sétimo dia pelo descanso eterno da alma daquela boníssima criatura que em vida foi minha mãe. Além de Lenira, Papai, Oswaldinho e eu, estavam na igreja, apenas, uma meia dúzia de amigos mais chegados que fizeram questão de nos levar a certeza de que ainda não haviam esquecido a nossa perda. Do cemitério, trago ainda impregnado no meu olfato, o perfume das rosas que depus na sua sepultura e o frio que inundou minha alma, desde o momento em que ela nos abandonou, para subir ao mundo de cristal da luz eterna!...

Walter - Dia 27 de junho de 1943.

Clarice - Faz hoje vinte dias que ela morreu. Pela manhã, muito cedo, depois de uma noite longa, entrecortada de sonhos breves e agitados, onde ela aparecia invariavelmente, órfã cheia de vida, órfã inerte no seu leito de morte, estava eu sentada no gabinete de papai, fitando o último retrato da pobre morta, quando Lenira chegou.

CONTRA REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM, VAGAROSOS.

Lenira - Que fazes aqui, maninha?

Clarice - Nada. Estava à espera de que vocês acordassem. Dormi pouco... acordei muito cedo...

Lenira - Deverias tomar alguma coisa que estimulasse o sono. Talvez eu não quiser... Ao menos enquanto dormisses, descansarias um pouco a tua pobre cabeça. É necessário que procures reagir, Clarice. Dessa maneira acabarás doente e aumentará ainda mais a aflição de papai.

Clarice - Já pensei nisto, Lenira, mas a minha dor é mais forte do que a minha vontade e a minha faculdade de querer já não reage. (Chorosa) Não posso me habituar à ideia de que mãe não voltará nunca mais! Chego às vezes, no meu desespero, ao extremo de sentir revolta contra ela, como se tivesse dependido da sua vontade o deixar-nos neste vazio e neste abandono!

Lenira - É que estás enfraquecida... estás nervosa... Cansada de chorar tanto e de tanto sofrer.

Clarice - Aíne não pude me convencer da desumana realidade. Há momentos em que me parece que ela vai surgir de alguma dessas portas, envolta

no seu chambre cõr de pérola e que vai se dirigir a nós, bondosa e sorridente, para nos dizer o que comprou do verdureiro para o nosso almoço. (Chora baixinho).

Lenira - E si fôsses passar uns dias fora? Talvez que saindo dêste ambiente...

Clarice - Não, Lenira, não quero sair daqui. Por favor, eu te peço...

Lenira - Está bem. Fica, então, si te apraz, mas não te entregues dessa maneira ao sofrimento que nos deixa a todos desesperados.

CONTRA REGRA - PASSOS DE RAPAZ QUE SE APROXIMA.

Lenira - Oswaldinho aí vem. Anima-te mais um pouco. Ele já sofreu tanto, coitado, e justamente agora que começa a se mostrar mais encorajado não é justo que o façamos retroceder.

Oswaldo - (chegando, tristonho) Bom dia.

Lenira - (juntas) Bom dia, mano.

Oswaldo - Papai já se levantou?

Lenira - Creio que sim, mas ainda não saiu do quarto.

Oswaldo - E você, maninha, como está? Um pouco mais animada?

Clarice - Eu estou bem, Oswaldinho, não se preocupe comigo.

Oswaldo - Precisamos reagir, maninha. Bem sei que não é fácil, mas precisamos. Temos que nos mostrar animosos pelo papai, coitado.

Lenira - Era justamente o que eu estava dizendo a ele, antes de você chegar.

Clarice - Eu compreendo, sim e tenho também, como vocês, uma pena muito grande de papai. Quizers mostrar-me forte na frente dele e não chorar... mas não posso. (Chorando) Não posso... não posso...

Oswaldo - (Quasi chorando também) Vamos, maninha... coragem... ou então... você... você acabará por nos fazer desanimar a todos.

Clarice - (chorosa) Por que Deus não me levou no lugar dela? Tantas vezes, durante a sua enfermidade eu lhe ofereci a minha vida em troca da de mãe!

Lenira - Não se trocam destinos, Clarice. Era chegada a sua hora de partir... e a nossa de chorar. Tão felizes havíamos vivido até então... Agora... agora só nos resta juntar os destroços dessa felicidade que tivemos um dia... e, no futuro, tentar reconstruí-la!

OPERADOR - SEPARAÇÃO MUSICAL

Walter - Dia 2 de Julho de 1943.

Clarice - Hoje o dia amanheceu muito mais sombrio do que os anteriores. Uma chuva vinha fina e persistente, vai lavando, lentamente, as ruas desertas. O frio é intenso e parece que nos penetra os ossos. Olhei-me pela primeira vez no espelho e assustei-me de mim mesma. Estou completamente transfigurada. Magra... transparente... os olhos emoldurados de profundas olheiras. São dois círculos roxos como a saudade que não me abandona um só instante, desde a hora cruel em que ela nos fugiu. (TOM) Meu pai que, durante o jantar café, não se cansava de observar-me, levou-me, depois, ao seu gabinete e falou-me assim...

Antero - (depois de pausa) Filhinha querida... bem sabes que é necessário que alguém nesta casa ocupe o lugar de tua mãe, desempenhando as funções de que ela, em vida, se ocupava. Considerando a necessidade de teres

algo que te ocupe o tempo, em tuas mãos deixarei, de hoje em diante, o governo desta casa.

Clarice - Está bem, papai.

Antero - Coló te ajudará em relação aos gastos e aos preços dos gêneros. O Papai te entregará, ao fim de cada mês, uma certa importância com a qual deverá pagar todas as despesas que fizermos.

Clarice - Sim, papai.

Antero - Pode ser que a preocupação do trabalho te reanime um pouco. Ando muito preocupado contigo, filhinha. Estás cada vez mais magra e abatida.

Clarice - Não tenho nada, papai. Estou bem.

Antero - Deverias fazer como Lenira e Oswaldinho: procurar sempre uma coisa em que ocupar o tempo para não estares constantemente a pensar numa coisa que te mortifica. (Emoção) É verdade que perdeste muito. Todos nós per^{mos} muito com o desaparecimento dela... mas ainda tens o papai, minha fi^{lha}... os teus irmãos que te estimam e que necessitam de ti. É preciso ^{que} que te revistas de coragem e que, por nós, recebas a vida tal como ela é.

OPERADOR - PASSAGEM MUSICAL.

Walter - Dia 19 de Setembro de 1943.

Clarice - Graças a Deus que o mês de Agosto já vai longe! Que mês horrível de tristezas, Jesus!... Nunca senti tanto frio nem tanta desolação dentro de minh'alma! (Pause e tom) A alma!... Sabem como a imagino? Não um ti^{do}, mas um número imenso de pequenas partículas que se distribuem pelos nossos nervos para os fazer vibrar, dolorosamente, a cada lembrança que ficou para trás! E os dias chuvosos e cinzentos do mês de Agosto atira^{ram} ram sobre os meus nervos todas as partículas de minh'alma!...

Walter - Dia 16 de Novembro de 1943.

Clarice - Aproxima-se o fim do ano e com êle os exames de Oswaldinho., no pré-jurídico. E com a sua possível admissão na Faculdade de Direito, um aumento considerável de despesa no nosso já tão minguado orçamento. Por ê se motivo, hoje à tarde, eu o surpreendi em acalorada discussão com Lenira. Foi o primeiro sinal de vida dentro desta casa... desde que ela par^{tiu} tiu!

Lenira- (Pause) É muito engraçado isto. Você só fala no que precisa comprar, sem cogitar dos recursos de que dispomos.

Oswaldo - Mas si eu preciso de tudo isso, o que é que você quer que eu faça?

Lenira - Quero que você se lembre de que papai dispõe, apenas, do seu ordenado de funcionário público e nada mais.

Oswaldo - (reagindo) Nêste caso... para que me fizeram estudar? Para desistir agora? Não é justo nem direito.

Lenira - Pense um pouco em tudo que fomos obrigadas a desistir por causa dos seus estudos e não achará nada de extraordinário qualquer desistência de sua parte. Depois... o que mais custa não são os estudos propriamente. São as suas exigências na maneira de vestir-se. Quer andar sempre como os colegas ricos...

Oswaldo - Quero andar decente para não ter que me envergonhar diante dos meus co^{legas} legas, é isto.

Lenira - Mas você pode andar decente sem usar sapatos de novecentos cruzeiros.
Pode andar decente sem usar roupas de...

Clarice - (corta) Chega, Lenira, por favor. Não discutas mais com Oswaldinho. Ele não é culpado do que está acontecendo. Bem sabes que foi mãe que sempre desejou que ele estudasse.

Oswaldo - Pois é. E de mais a mais, Lenira, eu não reconheço em ti nenhum direito para discutir a questão. Tchau. (saindo) Estou cansado de ouvir as tuas impertinências.

CONTRA REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE APASTAM ATÉ DESAPARECER.

Lenira - (depois de pausa) Tú viste bem como ele está ficando valerizado?

Clarice - É natural da idade, Lenira.

Lenira - Tudo quanto ele faz tú achas natural. Mas eu sei o que vou fazer.

Clarice - Si pretendes falar alguma coisa ao papai, peço-te que não faças isto. Ele, coitado, já tem tantas atribulações!... Para que ficar sabendo, ainda por cima, das ginásticas todas que fazemos para manter as despesas da casa? Seria aumentar a aflição do aflito.

Lenira - E tú achas justo o sacrifício de todos para que o nosso irmão ostente o que não pode?

Clarice - Si mãe fosse viva, eu tenho certeza absoluta de que estaria fazendo exatamente o que eu faço. E eu quero ser como ela era.

Lenira - (suspiro) É... o lamentável é que, nêssa andar, mais dia menos dia... teremos que nos desfazer desta casa.

Clarice - (susto) Não, Lenira, não! Por favor!... Nem me fales em semelhante hipótese! O dia em que eu tiver que sair desta casa, onde mãe nasceu e foi criada, e onde cada tijolo me fala do seu passado, eu não sei si teria forças para resistir!... (Pausa e tom) Não. Eu não concordarei nunca em que ela seja vendida. E ainda que me coste o resto das minhas frágeis energias... hei de lutar até ao fim para salvá-la!...

OPERADOR - CORTINA MUSICAL PARA FINAL DO 1º ATO.

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL

OPERADOR - CORTINA MUSICAL DE ABERTURA PARA O 2º ATO.

Walter - Dia 25 de Dezembro de 1943.

Clarice - Que natal triste, meu Deus!... O primeiro... desde que ela se foi! Sem a árvore de Natal que ela armava sempre com tanto carinho... e em vez das lágrimas de cera das velas coloridas... as lágrimas transparentes dos nossos olhos doloridos de saudade!... Deitei-me cedo mas tive muita da muito que chorar até que o sono me vencesse!

Walter - Dia 26 de Dezembro.

Clarice - Hoje acordei um pouco mais calma, embora a minha razão persista maltratada. Um pouco antes do almoço, quando papai regressou da repartição fechou-se no seu gabinete com Lenira, mas algumas das suas palavras chegaram aos meus ouvidos, através das portas cerradas. (Pausa) Duro, fiada, torturada, martirizada pela ideia de um novo e profundo golpe, preferi saber a verdade. (TOM) Depois do almoço fui procurá-lo em seu gabinete.

Antero - (depois de pausa) Que desejas, filhinha?

Clarice - Papai... eu queria que o senhor fôsse bastante franco comigo. Que está se passando que o senhor procura me ocultar?

Antero - Nada, minha filha. Nem compreendo a razão porque me falas dessa maneira.

Clarice - Seja franco, papai, já lhe pedi. Eu prefiro a verdade, por cruel e dolorosa que seja. (Pausa) Pale. Tenha pena de mim. A incerteza aumenta mais o meu sofrimento.

Antero - (Pausa) Pois bem, minha filha... já que assim o desejas e mais tarde ou mais cedo terás que tomar conhecimento da verdade... vou te dizer agora... (Pausa) Acertei hoje, com o comprador, a venda desta casa.

OPERADOR - EM CIMA DA PALAVRA "VENDA" UM ACORDE TRÁGICO, SEM CORTAR.

Antero - (Pausa e tom) Bem sei o que isso representa para ti porque o que tu sentes, nós também sentimos. Mas quero que acredites que fiz tudo para evitar semelhante desfecho. Infelizmente... não encontrei outra saída. (Pausa - Enegão) Não me olhes assim, filhinha. Perdôa-me. Crê que o pai fez tudo que pode para poupar-te mais êste rude golpe.

CONTRA REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE AFASTAM.

Clarice - (Pausa longa) A nossa casa!... A casa de mãe!... O que nos restava de mais caro... agora a sua lembrança e a sua saudade!... (Pausa e tom) Como a vida se compra, às vezes, em martirizar as criaturas!... É eu que me apiedei tantas vezes de mim mesma, supondo conhecer o sofrimento.

CONTRA REGRA - PASSOS ABRASTADOS QUE SE APROXIMAM.

Clarice - Ah, Coló... és tu?

Coló - (aproximando-se) | Sê eu, sim, minha fia. | É a vóia vóia.

Clarice - Já sabes?

Coló - (lágrimas na voz) | Sei, minha fia. | Seu Antero já me contou tudo. Mas nós num bamo sai daqui, minha filha. ^{Sei.} Anna ficou pagando Migueli.

Clarice - (segurando os soluços que teimam em fugir através das palavras) Que é a vida afinal, Coló?! (Pausa) Que é a vida? Responde. (chorosa, depois de pausa) Eu procuro defini-la e não consigo. Nenhuma definição corresponde ao que eu vejo em redor de mim!... (desata em soluços)

Coló - Pobre da minha fia!... | Pobre da minha fia!... | A vida é essa patiquera que a gente vê!...

OPERADOR - PASSAGEM MUSICAL

Walter - (lendo) Dia 4 de outubro de 1944. (afastando) Meu querido diário.

Clarice - (chegando) Meu querido diário. Quanto tempo estiveste so abandonado! Não porque te houvesse esquecido, mas porque os afazeres nunca mais me concederam horas disponíveis. E depois... também porque eu desejava, afinal, decrever-te um dos meus dias que não fôsse de névoa e de tristeza. Mas esse dia... não chegou, ainda. Agora... é uma nova preocupação que me mortifica. E foi Lenira quem veio despertá-la no meu espírito.

Lenira - Foi uma mudança radical a que se operou nêstes dois últimos meses.

Clarice - Coitado! Eu acho que nós só devemos ficar satisfeitas dele se mostrar mais animado e com maior interesse pela vida. É justo. Afinal... papai é moço, ainda.

Lenira - Bem, não digo nada em contrário, mas o que não me agrada é o extremo cuidado que ele vem emprestando, agora, à sua toilette.

Clarice - Mas papai sempre foi muito caprichoso neste particular, Lenira.

Lenira - Ninguém me tira da cabeça que existe alguém como causa expressa dessa modificação que se vem operando nele.

Clarice - Que é que você está pretendendo insinuar, maninha? Ainda não compreendi bem a sua intenção.

Lenira - Você ontem não reparou como ele saiu todo de gravata nova... lenço perfumado... fixador nos cabelos?

Clarice - Sim, mas... que tem isso?

Lenira - Um homem, depois de certa idade, só desce a esses pequenos detalhes... quando está amando.

OPERADOR - ACORDE SOMBRIO, SEM CORTAR A CENA.

Clarice - (gusto) Como?!... Você quer dizer que papai...

Lenira - (sem cortar) Não se espante desse modo, Clarice, porque seria uma coisa até muito natural. Principalmente para ele, que é homem, porque eu, de minha parte, nunca concordaria em que papai trouxesse para dentro desta casa uma substituta de mãe.

Clarice - Não se precipite no seu julgamento, Lenira. Eu não posso crer que papai tivesse a coragem de pensar numa coisa dessas. Ele deve muito bem imaginar o choque terrível que isto seria para nós. E ele é tão bom... tão nosso amigo...

CONTRA REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE APROXIMAM.

Lenira - Mas com toda a sua bondade será bem capaz de nos dar essa desagradável surpresa.

Oswaldo - (vindo de 2º plano) É de mim que estão falando?

Lenira - Óra sai! Temos coisas muito mais sérias para nos preocupar.

Oswaldo - Obrigado, maninha. Tu és sempre muito amável. (T) De que falavam, Clarice?

Clarice - Lenira está desconfiada de que papai anda querendo se casar outra vez.

Oswaldo - Já ouvi falar nisto. Um colega me disse isso lá na Faculdade.

Lenira - Eu não te dizia? Eu não te dizia?!

Oswaldo - Mas afinal o que tem isso de tão extraordinário? Papai é um homem moço, tem todo o direito de procurar novamente a felicidade perdida.

Lenira - Mas não terá o direito de impor-nos a presença de uma estranha, para ocupar, dentro desta casa que foi dela, o lugar que lhe pertencia.

Clarice - Bem, Lenira, mas nós também não temos o direito de avançar tanto nas nossas suposições. Esperemos que ele nos fale, para aplaudi-lo... ou censurá-lo.

Lenira - Eu, de princípio, declaro que si papai casar trazer para dentro desta casa uma criatura estranha, no dia em que ela pizar aqui como sua esposa, eu deixarei de me considerar sua filha e sairei para sempre!

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

Walter - Dia 23 de Novembro de 1944.

Clarice - Depois de quasi dois meses de cruel incerteza, o outelo do destino baixou novamente, implacável, sobre a nossa cabeça. Papai veio falar comigo para comunicar-me a sua intenção de mudar o rumo da sua vida.

Antero - (Pausa) Minha filha... desejo... comunicar-lhe uma resolução muito séria que acabo de tomar. Antes, porém, desejo tecer alguma consideração em torno da vida de um homem...

Clarice - (corta) Desculpe, papai, mas não vejo nenhuma necessidade de prolongar nos esta situação de constrangimento. Nada modificaria, em mim, o efeito que a sua resolução poderá me causar. Entre diretamente no assunto, peço-lhe.

Antero - Está bem, minha filha. O assunto pode ser resumido numa única frase: eu vou casar outra vez.

CONTROLE - ACORDE TRÁGICO EM FUNDO, SEM CORTAR.

Antero - (Pausa) Bem sei que, de início, a notícia soará desagradavelmente aos seus ouvidos, mas tenho a certeza de que mais tarde, quando você conhecer a moça que escolhi, há de aceitar melhor a minha resolução. Lydie é uma criatura boníssima e dependerá unicamente de vocês o terem nela uma amiga leal e verdadeira. Além do mais, independente de todas as suas virtudes, possui alguns bens que nos poderão proporcionar uma vida melhor. (Pausa) Pois bem, minha filha, era só isso o que eu tinha para dizer a você e que lhe peço transmitir também à sua irmã.

Clarice - (depois de pausa, abafada) Está bem, papai.

CONTROLE - PASSAGEM MUSICAL

Walter - Dia 26 de Novembro de 1944.

Clarice - "Está bem, papai." Foi o que lhe disse há três dias, quando me delegou a incumbência de avisar Lenira do seu próximo casamento. Eu disse "está bem" como teria dito qualquer outra coisa, sem pensar, sem sentir, completamente alheia a tudo, como se me tivesse fugido a razão. Falei, apenas, para quebrar o silêncio pesado que se interpunha entre nós. Para criar uma repercussão sonora naquela atmosfera pesada de tristeza. Depois... tive a impressão de que tudo ficara em penumbra. E agora... vejo tudo através de um véu espesso como crepe. (Pausa) Faz três dias que isto aconteceu e ainda não me senti com coragem de falar à Lenira.

Walter - Dia 27 de Novembro de 1944.

Clarice - Hoje, afinal, depois de mais uma noite de insônia e de agonia, resolvi-me a falar, a Lenira.

Lenira - (Pausa e tom) Eu não te dizia? Os meus palpites são sempre certos, Clarice. (TOM) Como foi que tú soubeste?

Clarice - Foi ele próprio quem me contou e me pediu que falasse a vocês.

Lenira - E por que não nos disse ele mesmo?

Clarice - Não sei.

Lenira - Faltou-lhe a coragem de ouvir algumas verdades amargas que ele sabia que eu não deixaria de dizer-lhe.

Clarice - Disse que a moça é muito boa e que, si quisermos, haveremos de ser muito boas amigas.

Lenira - Não seremos nunca, porque eu não pretendo nem ao menos conhecê-la.

Clarice - Não sejamos precipitadas, Lenira. De qualquer forma... não poderemos viver sem papai. Façamos empenho de procurar viver bem, todos juntos.

Lenira - Nunca! Já te disse que não admitirei nesta casa uma substituta de mã

mãe. E se ele insistir e isto acontecer... no dia em que ela botar o pé nesta casa... eu sairei para sempre!...

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

Walter - Dia 3 de Dezembro de 1944.

Clarice - Hoje à noite nossa futura madresta virá visitar-nos pela primeira vez. Estou nervosa por tudo, mas principalmente por Lenira que teima em não querer recebê-la. (Pausa e tom) Amanhã, meu querido diário, eu te direi como transcorreu a visita.

Walter - Dia 4 de Dezembro.

Clarice - Ontem ela veio aqui. Demorou pouco. Com exceção de Oswaldinho, estavam todos muito nervosos. Ela se esforçou em ser amável comigo e, para satisfazer papai, tentei retribuir-lhe as amabilidades, mas foi inútil o meu esforço. A cada momento, parecia que a imagem de mãe se interpunha entre nós duas. (Pausa e tom) Como decorreu lento e arrastado o assunto... e como foi penosa a visita!...

Lídia - (Pausa) Já por várias vezes eu pedira ao Antero que me trouxesse aqui porque tinha muitos desejos de conhecê-las. (Pausa) Não insisti mais com receio de vir antes do tempo e importuná-las.

Clarice - (forçada) Não senhora.

Lídia - Não é verdade, Antero, que desde o princípio do nosso namoro que eu manifestei vontade de conhecer as minhas futuras enteadas?

Antero - É verdade, sim.

Oswaldo - A mim a senhora já conhecia. Desde aquela tarde em que eu a vi na confeitaria tomando chá com papai; lembra-se?

Lídia - Lembro-me, sim. Você ficou de longe nos espiando, até que o Antero o avistou e chamou-o. (ri, procurando animar o assunto) Você veio muito sem jeito...

Oswaldo - (rindo) Também... aproveitei logo a ocasião para dar uma "facada" nele.

Antero - Era exatamente o que eu ia lembrar, agora.

Lídia - E a facada "sangrou". Está visto que ele não podia fazer feio perto de mim; não é mesmo? (ri, novamente)

Oswaldo - Claro. E por isso mesmo eu aproveitei a ocasião.

Lídia - Pois é. Foi hábil. (Pausa longa e pesada) E sua irmã Lenira como vai?

Clarice - Um pouco indisposta. Justamente por isso não pode aparecer. Deitou-se logo depois do jantar, com uma dor de cabeça terrível!...

Antero - (depois de pausa) Lenira é um pouco achacada do estômago.

Lídia - (idem) A dor de cabeça é coisa que não tem gravidade, mas incomoda tanto não é mesmo?

Clarice - É, sim.

Lídia - (pausa) Tira-nos completamente a disposição para qualquer coisa. (Pausa longa) Bonito este guardanapo. Foi você que o bordou?

Clarice - Não senhora... foi... (a custo) foi mãe.

OPERADOR - ACORDE SOMBRIO EM FUNDO, SEM CORTAR A CENA.

Lídia - (Pausa longa) Você não acha que devemos ir, Antero? Depois ficou muito tarde...

Antero - Sim... quando você quiser...

Lídia - Então vamos, não é? (Pausa) Adensinho, Clarice. Tive muito prazer em conhecê-la e agora vou esperar a sua visitinha. Dê um abraço à sua irmã Lenira e diga-lhe que eu tive muito pesar dela estar assim amolada, mas que eu espero lá em casa, qualquer dia, para tomarem chá comigo.

Clarice - Sim senhora, obrigada.

Lídia - Diga-lhe, também, que desejo muito as suas melhoras e que faço questão absoluta de que sejam as minhas boas amigas.

OPERADOR - SEPARAÇÃO MUSICAL.

Walter - Dia 5 de Dezembro de 1944. (afastando) Nove horas da manhã.

Clarice - Que noite agitada, meu Deus! Quanta luta interior e quantos pensamentos diversos a cruzaram-me o cérebro, como relâmpagos em noite de tempestade!... Estava aflita que amanhecesse! Era a vaga esperança de que o sol afastasse os pensamentos sombrios. Efectivamente a luz da manhã acalmou um pouco a minha agitação, mas depois do café, quando papai saiu para o serviço...

Oswaldo - (Pausa) Foi uma coisa horrível o que você fez! Uma grosseria sem nome! Isso não é direito. Isso não se faz!

Lenira - Não faz mal. Não faço questão alguma de ser delicada com ela. E você é um fedelho a quem eu não dou o direito de censurar os meus atos, ouvidos?

Oswaldo - Posso ser fedelho, mas graças a Deus não faço o que você fez. Ao menos em consideração ao papai, você devia ter aparecido na sala.

Lenira - Não fia e não me arrependo, entendeu?

Oswaldo - Porque você é uma criatura intolerante.

Clarice - Chega, Oswaldinho. Não discutam mais. Tenham pena de mim. A minha pobre cabeça parece que vai rebentar de tanto que dói!...

OPERADOR - PASSAGEM MUSICAL.

Walter - Dia 16 de Janeiro de 1945.

Clarice - Estamos às vésperas do casamento de papai. Ontem, não contendo mais a minha ansiedade, perguntei-lhe si desejava, ainda, trazer sua sogra da esposa para morar em nossa casa. Ele, então me contou a conversa que tivera com ela:

Lídia - Você bem viu que eu fiz o possível para conquistar as suas filhas e as tornar amigas delas. Elas, porém, fecharam-se num círculo tão grande de intolerância que anularam todas as minhas boas intenções. Você mesmo foi testemunha da maneira como me receberam.

Antero - A culpa foi minha, Lídia. Não tive jeito para prepará-las.

Lídia - Todo o preparo seria inútil, Antero. Elas me receberam com visível aversão e - por que não dizer? - com hostilidade, até. Lenira nem sequer me apareceu. Já decorreu mais de um mês da minha visita e elas não sequer procuraram retribuir a minha gentileza.

Antero - Sinto muito o que aconteceu, Lídia, acredite.

Lídia - Acredito, sim, e estou certa de que você não tem culpa nenhuma. O que desejo fazer ver a você, entretanto, é que não será possível morarmos juntos, si elas não se modificarem na maneira de me tratar.

Antero - Tem razão, sim. (Pausa) Que é que você me sugere?

Lídia - Que moremos numa das minhas casas, você dê a elas uma pensão mensal e

vivamos completamente independentes, elas e nós. Oswaldinho, se quiser, poderá vir para a nossa companhia. Terei muito prazer em recebê-lo.

Antero - Está bem, Lídia, estou de pleno acôrdo com você e falarei sôbre isso às minhas filhas.

OPERADOR - SEPARAÇÃO MUSICAL.

Walter - Dia 23 de Janeiro de 1945.

Clarice - Ontem foi um dia horrível para mim. Faltando menos de uma semana para o seu casamento, papai resolveu deixar definitivamente esclarecida a situação do nosso futuro. Lenira discutiu comigo a prioridade de resolver o assunto com papai e eu fui obrigada a ceder, muito embora tendo a certeza de que ela iria negá-lo, o que eu, sinceramente, não desejava que acontecesse.

Lenira - É inútil a sua insistência, papai. Nesta casa não há lugar para uma substituta de mãe e mães.

Antero - Lamento, então, ter que me separar de vocês.

Lenira - O senhor já está separado de nós, papai, desde o momento que pensou em casar-se outra vez.

Antero - Continuarei a dar a vocês uma importância mensal para as...

Lenira - (Grita) Não papai. O senhor não ganha o suficiente para manter a despesa de duas casas e eu já tomei providências neste sentido. Já estou empregada e o meu ordenado será suficiente para as nossas despesas. Agradecemos muito a sua intenção, mas... recusamos o seu auxílio.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA FORTE PARA FINAL DO 2º ATO.

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA PARA INICIO DO 3º ATO.

Walter - Dia 28 de Janeiro de 1945.

Clarice - Papai se casou ontem e Oswaldinho se mudou hoje para a sua nova casa. Quando saíram a sua casa... a sua mala de roupas... e os seus livros... tive a impressão de que era um pouco de minha própria alma que se desprendia do meu corpo. Nem quero pensar na saudade que vou sentir. Para que pensar? Para sofrer?

Walter - Dia 14 de Setembro de 1945.

Clarice - Nesses sete meses e meio que transcorreram, desde o casamento de papai, nossa vida corria tranqüila como a bonança que sucede, sempre, às grandes tempestades. Ontem, porém, ocorreu um fato que ha de, por força, alterar o curso das nossas vidas. Lenira chegou em casa profundamente abatida e me contou o que lhe sucedera no escritório...

Lenira - (abatida) Clarice... acabo de ser despedida.

Clarice - (choque) Não me diga, mana! Por que?

Lenira - Não sei. Palavra de honra que não sei.

Clarice - Mas afinal... que alegou seu chefe para despedi-la?

Lenira - Que os negócios não correm bem e que ele precisa fazer economia. Mas não é verdade. Ele mentiu. Deve haver qualquar outro motivo que ele não quis dizer.

Clarice - (Pausa) E agora?!... (Nova pausa) Que é que você vai fazer?!

Lenira - Procurar outro meio de vida. O que não posso é viver sem trabalhar. Mas não se aflija, naninha. Há de me aparecer qualquer outra coisa.

OPERADOR - SEPARAÇÃO MUSICAL.

Walter - Dia 30 de Setembro de 1945.

Clarice - Faz precisamente quinze dias que Lenira foi despedida do emprego e a situação ainda não se modificou. Nem gosto de me lembrar da possibilidade de ter que sair desta casa para outra menor e mais barata. Pobre Lenira! Como me faz pensar... Os seus sapatos já não têm mais sola de tanto andar à procura de emprego.

Walter - Dia 2 de Outubro de 1945.

Clarice - Tudo no mesmo, exceto os nossos recursos que, de dia para dia, se tornam mais escassos. Começamos os cortes nas despesas. (Pausa, diálogo) Coló... as coisas continuam ruins para nós e você terá que procurar outra casa para trabalhar.

Coló - (chocou) Outra casa, minha fia?!. ^{fiã} (Eu que pensei de trincar a minha vida
da aqui, junto de vocês...

Clarice - Somos obrigadas a isto, Coló, acredite. Por nosso gosto, você nunca nos abandonaria, mas... Lenira foi despedida do emprego e não poderemos mais pagar o seu ordenado.

Coló - Mas a mãe vêia num faz quistã de dinheiro, minha fia.

Clarice - De qualquer maneira, Coló, somos obrigadas a diminuir também as despesas de armazen e você seria, sempre, uma boca a mais.

Coló - Ah!... (dolorida) Tá bem, minha fia. ^{a fia} Antão a mãe vêia vai simbra.

OPERADOR - SEPARAÇÃO MUSICAL.

Walter - Dia 3 de Outubro de 1945.

Clarice - Coló foi embora hoje! (Pausa) Depois de pedir desculpas de alguma falta, desceu, enxugando furtivamente as lágrimas, os três degraus que dão da sala de jantar para o jardim. Fiquei a fitá-la tristemente até que desaparecesse no portão, de onde ainda acenou para mim com uma de suas mãos. Na outra... levava uma pequenina trouxa com todos os seus pertences. (Pausa e tom) Vite oito anos de trabalho e dedicação absoluta... e tudo que possuía era aquela pequena trouxa, feita de um retalho colorido!... (Pausa e tom) Como chorei depois que ela saiu!...

Walter - Dia 9 de Outubro de 1945.

Clarice - Deixamos, finalmente, a nossa casa! Quando todos os móveis haviam caído, percorri, uma por uma, todas as suas dependências, fitando devoradamente as suas paredes... os seus tetos... as suas aberturas... como se os quisesse levar estereotipados dentro da minha alma! (Pausa e tom) No pequeno apartamento onde estamos agora, embora os móveis sejam os mesmos, eu procuro sempre e não encontro. Parece que o seu espírito já ficou, apegado àsquelas paredes que a abrigaram durante tantos anos!... (Pausa e tom) Nosso apartamento é pequeno e escuro. Para não sufocar ao péso da minha angústia, busco constantemente a praça mais próxima, ao de ao menos há ar... sol... e movimento.

Walter - Dia 18 de outubro de 1945.

Clarice - Ha oito dias que Walter se senta no mesmo banco que eu e conversa comigo. É um rapaz amavel e simpatico que conheci desde o segundo dia em que procurei, na praça, um refugio para a minha tristeza. Insiste em vir à noite ao apartamento conversar mais tempo comigo e conhecer Le nira. Penso que combinarei isto para depois de amanhã.

Walter - Dia 21 de outubro de 1945.

Clarice - Meu querido diário, estou radiante! Vale ter, finalmente, uma página de sol, depois de tantas páginas cinzentas! Recebi, ontem à noite, a minha primeira declaração de amor e esta... é o meu primeiro dia de alegria... (baixa o tom) desde que ela se foi!

Walter - Dia 27 de Outubro.

Clarice - Estou apuradissima, meu querido amigo e confidente. Acabo de ficar noiva de Walter e devo voltar para a nossa pequena salinha onde ele está à minha espera.

Walter - Dia 28 de outubro.

Clarice - Amanhã sairei com meu noivo pela primeira vez. Iremos no seu automovel a São Geraldo, para que me conheça uma tia dele que reside lá. Creio que vou adorar o passeio!

CONTROLE - PASSAGEM MUSICAL RÁPIDA FUNDE COM AUTO EM MOVIMENTO, CAINDO LOGO DE.

Clarice - A manhã parece que foi feita de encomenda para o nosso primeiro passeio de noivado. Está lindissima!

Walter - E tu, inda mais linda que a manhã, minha adoravel Clarice!

Clarice - (Pausa) Repara que coisa amorosa aquela casinha à beira do rio!

Walter - Realmente! A paisagem aqui é verdadeiramente deslumbrante. Parece uma paisagem de sonho!...

Clarice - (susto violento) O outro automovel, querido! Cuidado que ele vem contra mão!

OPERADOR - RUÍDO DE DERRAPADA FORTE.

Clarice - (GRITO DE PAVOR TERRÍVEL!)

OPERADOR - EM CIMA DO GRITO DE CLARICE TRAMBULHÃO DE DESASTRE, LOGO ABAFADO POR UMA CORTINA MUSICAL TRÁGICA.

Walter - Dia 6 de Dezembro de 1945.

Clarice - Trezentos mil cruzeiros!... Foi o que recebi de indenização do riquissimo causador do desastre que me custou a imobilidade definitiva das minhas pernas. Trezentos mil cruzeiros!... De que me vale tanto dinheiro, si não posso andar?! Amanhã chegará a cadeira de rodas que encomendaram para mim. Que horror, meu Deus!... Que horror!... Que será da minha vida agora?!...

Walter - Dia 8 de Dezembro.

Clarice - Já não tenho mais lágrimas para o horar. Estou morta em vida! Golé voltou ao ter noticias do desastre e não quis mais abandonar-me. Pobre Golé!... Sempre a mesma boa amiga, rastejando aos meus pés como um cão fiel.

Walter - Dia 14 de Janeiro de 1946.

Clarice - Bem senti que Walter começara a distanciar-se de mim, apesar de haver ele recusado a liberdade que tantas vezes lhe ofereci. Mas o motivo

era diferente daquele que eu imaginara. Outem, depois que Lenira saiu para acompanhá-lo até à porta, lembrei-me de qualquer coisa e rodei a minha cadeira, silenciosamente, até ao corredor.

Lenira- (meia voz) Não, Walter, por favor... solte a minha mão.

Walter- (meia voz também) Por que insiste na recusa, Lenira? Então não compreendes de que eu não posso mais viver sem você?

Lenira- (idem) Por favor, Walter, não insista. Então não vê que me martiriza? Não compreende que eu não posso roubar a Clarice o único raio de sol que ilumina a sua vida?

Walter- (idem) Mas nós nos amamos, Lenira e Clarice está irremediavelmente perdida. Suas pernas nunca mais se movimentarão e ela sabe disso.

Lenira- Pois justamente por esse motivo é que o nosso crime será mil vezes maior. Não insista, Walter, por favor. Esperemos algum tempo mais.

Walter- Mas e si a situação permanecer assim como está pela vida em fora?

Lenira- Continuaremos a esperar pela vida em fora. Não existe há outro caminho a seguir.

OPERADOR - SEPARAÇÃO MUSICAL.

Walter- Dia 18 de Janeiro de 1956. (1946)

Clarice- De posse da terrível certeza de que sou, agora, um entrave à felicidade de deles... que me resta fazer? (Pausa) Sim... é só isto. Hoje à noite falarei com Lenira e ela me auxiliará. Ela pediu a ele que esperasse. Esperar o que? Nada mais do que isto. Logo... estou bem certa de que ela própria não me negará o seu auxílio.

Lenira - (Pausa) Desejavas alguma coisa, Clarice?

Clarice- Sim, Lenira. Queria te pedir que fosses à farmácia e me trouxesses um pouco de arsênico.

Lenira - (extranhando) Arsênico?! Para que?

Clarice- Quero iniciar amanhã uma campanha contra os ratos. Coló já me guardou um pedaço de teicinho e vou distribuí-lo por todos os cantos do apartamento.

Lenira - Mas eu nunca vi ratos aqui, Clarice...

Clarice- (calma) Casualmente, há pouco, estava um ali naquele cantinho. Fugiu para baixo do aparador. Estou cansada de ler... de olhar o movimento da rua... de bordar... Caçar camundongos vai ser uma distração nova para mim.

Lenira - Está bem, Clarice, eu te conseguirei o veneno, mas vou esperar que Walter chegue para que tú não fiques só.

Clarice- Não, Lenira, eu justamente preferia que tú fosses antes dele chegar, porque já há hoje eu não pretendo recebê-lo.

Lenira- Óra essa, Clarice! Por que?!

Clarice- Porque estou cansada e quero me deitar mais cedo. Tú o receberás e lhe darás as explicações precisas.

Lenira - Está bem, Clarice. Vou à farmácia, então.

OPERADOR - SEPARAÇÃO MUSICAL.

Walter - (lendo) Dez horas da noite.

Clarice - Estou completamente só no meu quarto pequeno e sombrio. Lenira e Walter se encontram na saleta, conversando. Estão, talvez, de mãos dadas, felizes pelos momentos agradáveis que a minha ausência lhes proporciona. E eu tenho nas mãos o meu destino de amanhã. Parece mentira que com um vidro tão pequeno se possa destruir uma vida! E poderá de chamar-se de vida a esta que estou vivendo? Sem luz... sem sol... sem esperança?!... (Pausa e tom) Será que ela não tem o menor pressentimento do que vai acontecer? Nenhum sobressalto no coração? Nenhuma sensação de angústia? Ou ela sentirá tudo isso mas continua a pensar que eu devo desaparecer para a sua felicidade? (Pequena pausa) É isto, com certeza. Não é possível que ela tivesse deixado de desconfiar. A esta hora ela já tem a certeza absoluta de que amanhã me encontrará morta! (Pausa longa) Que espero mais? O que me prende, ainda, a esta vida que só me deu lágrimas e sofrimento?

Walter - Dez e um quarto.

Clarice - Eles continuam na saleta... talvez de mãos dadas. E eu já sinto os efeitos da morte, destruindo as partículas de minha vida. Quero dizer-te adeus, meu querido diário! Dentro em pouco... já não poderás mais acreditar. Meus dedos começam a ficar rijos... e se negam a obedecer o impulso da minha vontade. Sombras perpassam diante dos meus olhos. Não te distinguirei entre elas, mãezinha querida? Vem. Vem conduzir-me. Preciso tanto de ti!... (arfando) Começo a sentir que me foge a respiração! Tudo escurece diante de mim! Meu pensamento... minha sensibilidade... minha percepção... pulam fora da órbita da vida... e se projetam no vácuo!... (perdendo a voz) Adeus... meu querido diário... de dor... já nem mais... distingo... a brancura... das tuas folhas!...

OPERADOR - SEPARAÇÃO MUSICAL VIOLENTA

Walter - (abatido) Um diário... e uma saudade!... Eis tudo o que resta do meu sonho desfeito!... (Pausa e tom) Agora... diante do que me revelaram estas páginas... sei muito bem que também Lenira está morta para mim!

OPERADOR - SEPARAÇÃO MUSICAL, FUNDE COM APITO DE VAPOR E MAR QUE PERMANECE EM B/G PARA TODA A CENA QUE SEGUIE.

Coló - (Chorosa) E me sabia que ela quis o veneno pra se matá, minha fia?

Lenira - Sabia, Coló. Foi logo a ideia que me assaltou.

Coló - Mais intence pruquê me foi comprá ele e deu pre ela, minina?

Lenira - Pelo pezar inenso que me causava a sua situação, Coló. Quantas vezes eu já me puzera na sua posição e pensara que mais valia a morte do que viver daquele jeito?!... E só, juro-te, só pela piedade imensa que ela me causava foi que concordei em auxiliá-la. Não pensei noutra coisa, afaço-te. Ela foi injusta, Coló, pensando que eu procurasse uma libertação para o meu amor, quando na verdade a libertação que eu desejava, ardente e sinceramente, era para ela mesma, para o seu sofrimento brutal e desumano!...

Coló - Pois si me tem consciência disso, minha fia, num percoisava de senti remolso e nem fugi do seu Warte.

Lenira - Mas há casos em que a consciencia não nos basta, Colô. E si é verdade que do outro mundo podemos ver e sentir o que se passa aqui em baixo, Clarice há de ver, agora, com a minha renuncia, que a minha intenção não foi a que ela imaginou.

Colô - Pobre da minha fia!... Que pena que eu tenho de você!... A nega vêia eu de pedi muito pra Deseu Nesso Sinhô e pro São Binidito pra arreg tida a carna pro seu coraçãzinho, néde que você, um dia, possa voltar eu e se casá-se com o seu Walter.

Lenira - Não, Colô, não pegas a Deus o impossível. Fede, antes queEle me permita esquecer tudo isto o mais breve possível. Nunca mais eu poderia ter felicidade ao lado do Walter. Teria sempre a craver-me o coração - ferindo-o dolorosamente - e espinho do passado que foi a desconfiança de Clarice. (PAUSA LONGA. Tom ?) Agora, Colô, estamos a caminho de uma terra distante. Possa eu, nessa terra longinqua, esquecer a que ficou para tras e encontrar, finalmente, a paz, que é tudo quanto ambiciono e meu pobre e doide coraçã!...

Colô - Que ansia xéqe, minha fia!... Que ansia xéqe!...

OPERADOR - SCHE O RUIDO DO MAR, APITOS DE VAPOR NE DISTANCIANDO E FINALMENTE
FUNDINDO COM A CARACTERISTICA PARA FINAL DO TERCEIRO E ULTIMO ATO.

DISTRIBUICAO:

- Lenira..... Rosanaria Amaro
- Antero Roberto Iás
- Clarice Zaira Acauan
- Oswaldo..... Wilton Fragesc
- Colô Claudia Mertino
- Iácia Stela Dalmeri
- Walter J. Pires

81
14
000.5 F